

## EDITORIAL

A relação entre literatura e política nos países de língua portuguesa constitui um recorte privilegiado para se pensar as dinâmicas colonialistas e o modo pelo qual os países periféricos têm a sua cultura inserida no “concerto” das nações. Este número da Revista *Via Atlântica*, cujo dossiê denomina-se “Literatura e Política nos países de língua portuguesa”, visa a mapear e trazer à tona estudos que ressaltem a dimensão de enfrentamento estético com o poder estabelecido no âmbito das produções portuguesas, brasileiras e africanas de língua portuguesa, embate gerador de acomodações e tensões as mais variadas. O ensaio de Vagner Camilo, “Valéry como paradigma do poético na lírica brasileira dos anos 1940-1950”, discute de forma inovadora a maneira pela qual se deu a assimilação do poeta francês pela geração de 1945 e pelos modernistas reclassificados no Brasil do segundo pós-guerra, uma incorporação que permitiu o surgimento de matizes insuspeitados, e locais, de uma referência central da poesia moderna do Ocidente. Igualmente instigante, “*O cavalo de todas as cores* de João Cabral e Alberto de Serpa: uma revista trimestral de um número só”, de Priscila Moreira e Manaíra Athayde, traz à tona, em meio a um inédito diálogo epistolográfico, o projeto de revista literária que norteou ambos os poetas no fim dos anos 1940, periódico concebido como modo de driblar a censura salazarista e afirmar a cultura catalã pela qual Cabral se sentia atraído.

No âmbito da prosa, dois ensaios sobre Dyonélio Machado resgatam o potencial crítico do autor gaúcho: Rejane Vecchia e Tatiane Reghini de Mattos, em “Naziázeno Barbosa: um homem no Brasil dos anos 1930”, analisam a narrativa de *Os ratos*, cuja estrutura aponta para a denúncia do fundo arcaico que se combina à modernidade; e Marcus Rogerio Salgado se detém sobre *Endiabrados* e *Proscritos*, romances nos quais avulta a figura do escritor premido pela sociedade de classes. A obra fundamental de Cyro dos Anjos, *O amanuense Belmiro*, é analisada em “Memória, política e ideologia: Belmiro, um proustiano na periferia do capitalismo”, de Alex Fogal e Bárbara Araújo, por meio da conexão entre o intimismo e o Estado patriarcal dos anos 1930. Já o artigo de Thiago Mio Salla, “A divulgação de Graciliano Ramos em Portugal nas páginas

na revista *Atlântico*: suporte e atenuação do sentido”, analisa a participação do romancista alagoano no veículo salazarista *Atlântico* e as estratégias discursivas empregadas pelo escritor a fim de se distanciar do projeto estadonovista.

Também equilibrando-se entre as dimensões específicas do literário e as imposições da ditadura, José Saramago, como demonstram Deivis Jhones Garlet e Rosani Umbach em “A política em José Saramago: forma e conteúdo”, constrói em seus romances um engajamento muito particular e que evita qualquer dogmatismo, uma dimensão combativa que contraria o discurso hegemônico. Esse mesmo poder contra-ideológico é destacado pela detida análise de Ana Fauri em “*Levantado do chão*: o romance como recuperação da história” sobre o romance do escritor português, narrativa cuja força é posta a descoberto. Já o artigo “Dos (ir)reconciliáveis em *Rio das Flores*, de Sousa Tavares”, de Lilian Reichert, traz uma reflexão pertinente sobre posicionamentos políticos antagônicos e ambíguos na saga de três gerações de uma família latifundiária do Alentejo. Nesse mesmo espectro temporal mais recente, a ditadura civil-militar brasileira expressa pelo silenciamento do feminino é o mote pelo qual Maria Sperb e Antonio Barros de Brito Jr. analisam *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar.

Nos diálogos possíveis que se estabelecem entre escritas que procuram representar formas de crítica social e que explicitam posturas de inquietude diante de regimes de dominação, apresentam-se os textos “*Mesene*: conto angolano, e *Apesar de você*, canção brasileira: formas de resistência”, de Estefânia Lopes e Tania Macêdo, e “*Ponciá Vicêncio* e *O alegre canto da perdiz*: trajetórias em convergência solidária”, de Inara de Oliveira Rodrigues e Maiane Pires Tigre. O primeiro demonstra como a resistência se elabora pela acurada elaboração estética em perfeita confluência com a crítica social. Já o segundo texto analisa a construção das identidades femininas por meio da literatura e seus desdobramentos políticos e culturais no Brasil e em Moçambique, ressaltando convergências entre as duas escritoras – Conceição Evaristo e Paulina Chiziane – e os seus respectivos projetos literários.

A realidade angolana com seus impasses e contradições do pós-independência e os problemas provocados pela guerra civil – recorrentes na obra de Pepetela – são abordados em “Os órfãos da ilha de Luanda em *Se o passado não tivesse asas* – ou a história recente de um vasto segmento da sociedade angolana”, da autoria de Patrícia Martinho Ferreira e Leonor Simas-Almeida. Moçambique será o foco de Fernanda Gallo, que, em “Literatura, memória e narrativa his-

tórica em Moçambique”, traz uma análise original acerca das disputas que se observam entre história oficial e memória que a literatura recente produzida no país africano enseja.

Com esse conjunto de textos, pretende-se traçar um panorama abrangente de obras e autores que de algum modo enfrentaram as múltiplas manifestações da opressão no século XX nos países de língua portuguesa e recusaram-se, no processo, à neutralidade e ao servilismo. Partindo dessa premissa, o dossiê também procura incitar uma reflexão sobre o presente, em meio a desmandos e autoritarismos de toda ordem.

Fabio Cesar Alves  
Universidade de São Paulo

Rosangela Sarteschi  
Universidade de São Paulo